ências da Comunicação, 40, Curitiba. Anais... Curitiba: Intercom, 2017.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, M. J.; SILVA, A. R. A blogosfera escolar portuguesa: contributos para o conhecimento do estado da arte. Porto: Repositorium, 2006. Disponível em: repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5674. Acesso em: 21 maio 2022.

KAPLÚN, M. Uma Pedagogia de la comunicación: Proyecto didáctico Quirón. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

RIBEIRO, M. S. et al. Interfaces entre comunicação e educação: uma experiência de web rádio e web tv na Escola Louis Braille. Repositório Institucional UFSC, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198059. Acesso em: 12 jun. 2022.

SÃO PAULO. Lei nº 13.941 de 28 de dezembro de 2004. Institui o Programa EDUCOM — Educomunicação pelas ondas do rádio, no Município de São Paulo, e dá outras providências. São Paulo, 2004. Disponível em: www.portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/legislacao-1. Acesso em: 12 abr. 2022.

STEINBERGER-ELIAS, M.; CUNHA, M. CO07-O legado de Mario Kaplún para o ensino de ciências exatas. História da Ciência e Ensino: construindo interfaces, v. 16, p. a25-a25, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.23925/21782911.2017v16i1a25. Acesso em: 12 abr. 2022.

A ARTETERAPIA NA EDUCAÇÃO: OFICINAS CRIADORAS COM CRIANÇAS

MÁRCIA COELHO CARDOSO

RESUMO

Este artigo propõe analisar a importância das oficinas criativas, como recurso artístico, facilitador de abertura de espaços para criação e expressividade simbólica na primeira infância. A Psicologia Analítica Junguiana auxilia no sentido à compreensão e leitura de símbolos representados nas relações internas do psiquismo humano com seu exterior à busca da totalidade. A Arte é observada como fenômeno individual e coletivo desde os primórdios da civilização. O homem construiu o seu universo cultural, por meio da Arte, uma das capacidades humanas é a produção de símbolos. Como metodologia utilizou-se da coleta de dados por meio de uma pesquisa descritiva de revisão bibliográfica, baseou-se no referencial de livros de autores renomados na área de Psicologia Analítica. Sintetizou-se a temática para aprofundar as questões teóricas sobre o psiquismo humano de forma clara e sistemática. Concluise a relevância das criações de oficinas criativas no contexto escolar, como fator fundamental para o desenvolvimento da personalidade das crianças e todas suas dimensões, por meio das atividades artísticas elas poderão traduzir suas emoções, seus sentimentos e canalizar medos e angústia diante da sua realidade. Palavras-chave: Arte; Psicologia Analítica; Oficinas Criadoras; Crianças.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta a relevância da Arte, como possibilidade de síntese da leitura de significados percorridos no caminho da existência humana, sua capacidade de se expressar por símbolos. O campo educacional possui um instrumento favorável para ampliar os horizontes expressivos e a produção criativa das crianças por meio das atividades artísticas.

Baseou-se na teoria da Psicologia Analítica Junguiana e os efeitos da Arte no contexto escolar. Apontou-se a importância da organização de oficinas criativas para que as crianças possam produzir conteúdos simbólicos e se desenvolverem plenamente via atividades artísticas. Destacou-se a modelagem de argila como material acessível para a fase infantil.

Visou-se mostrar, a partir da problemática, como as oficinas criativas poderão possibilitar o desenvolvimento da personalidade das crianças em todas suas dimensões.

Demonstrou-se a relevância das atividades artísticas para traduzir seus conteúdos internos suas emoções, seus sentimentos e canalização dos medos e angústias diante da sua realidade enfrentada na infância.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a importância das oficinas criativas, como recurso artístico, facilitador de abertura de espaços para criação e expressividade simbólica na primeira infância. Como objetivos específicos, primeiramente, identificar os pressupostos teóricos da Psicologia Analítica Junguiana relacionados a natureza da Arte e a sua essencialidade, a seguir, analisar a Arte como linguagem e instrumento de expressão de símbolos, para autenticar essas referências, visou conhecer as oficinas criativas como instrumento potencializador para as crianças.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e de revisão bibliográfica, em que se usou da análise de textos científicos e de obras já publicadas sobre o tema como referência. Realizou-se as sínteses das informações para que pudessem ser apresentadas claramente e facilitar a comunicação da temática abordada. Seu referencial teórico procurou a interpretação do conhecimento relativo aos dados coletados sobre Psicologia Analítica, Artes e Oficinas Criativas.

A trajetória metodológica desse artigo, primeiramente, trouxe o referencial teórico da Psicologia Analítica e princípios de Jung, argumentando a importância da Arte na infância como suporte para o desenvolvimento da personalidade da criança em todas as suas dimensões, logo após, fundamentou a Arte como linguagem e expressão do homem durante seu processo histórico e, por último, demonstrou a validade das Oficinas Criativas para serem realizadas no contexto escolar com crianças.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: PSICOLOGIA ANALÍTICA

A Psicologia Analítica, uma teoria da personalidade, proposto por Carl Gustav

Jung, importante pesquisador da "alma humana", utiliza-se da interpretação dos símbolos, pois esses mostram-se como a melhor expressão possível para algo desconhecido, atuando como agentes terapêuticos. Esse estudioso descobriu um conjunto de imagens psíquicas, que se repetem nos indivíduos de diferentes culturas ao longo da história, os arquétipos são oriundos do que chamou "inconsciente coletivo", comum a todos os homens e, lugar em que deriva um conjunto importante de fenômenos psíquicos, de extremo valor na interpretação "dos mistérios da alma humana" (JUNG, 1964, p.12).

Para Fordham (1957, p.25), o modelo analítico traz como referência que, "o ego ao nascer está imerso na totalidade do 'Self', sem haver discriminação, entre o eu e o não-eu. O estado pré-egóico é o estado paradisíaco, unitário, não dividido". A partir desse contexto, acontece o surgimento da consciência como processo de ruptura da totalidade. Logo após, alguns conteúdos do inconsciente se separam e formam a consciência, que para esse autor denominou de processo "de-integração". Ramos (1994, p.14) acrescenta, o que era um todo, "Um" passa a ser "Muitos". As estruturas psíquicas originais precisam ser constantemente rompidas, cindidas, para poderem ser integradas na consciência.

Já para Neumann (2021), destacado autor junguiano também, explica que para acontecer o desenvolvimento inicial da consciência, o bebê humano, ao contrário de outros animais, não se torna um pequeno adulto pouco tempo depois de seu nascimento. Ele considera a existência de uma fase embrionária pôs-uterina de duração aproximada de um ano; no bebê humano, só ao final desta fase o "Self" individual estaria totalmente estabelecido. Nesta fase toda experiência é profundamente marcante para o futuro desenvolvimento. A relação "primal" é o fundamento para os relacionamentos e dependências futuras.

Desse modo, para a teoria Junguiana, é na criança que se dá esse desenvolvimento da consciência, nos primeiros anos ela não tem consciência, embora desde muito cedo tem evidências da existência dos processos psíquicos, porém esses processos não estão interrelacionados com nenhum "eu", porque não possuem um centro e precisam de continuidade, impossibilitando assim a consciência. Jung (1972, p.55) explica:

provém daí o fato da criança também não ter memória no sentido usual, apesar da plasticidade e receptividade para as impressões, de que está dotado seu órgão psíquico. Somente quando a criança começa a dizer "eu" é que tem começo a continuidade da consciência, já perceptível, mas por enquanto ainda muitas vezes interrompida. Nesses intervalos se intercalam numerosos períodos de inconsciência. Durante os primeiros anos de vida percebe-se claramente na criança como a consciência se vai formando por um agrupamento gradual de fragmentos. Este processo propriamente nunca cessa no decurso da vida inteira.

Para isso, a Psicologia Junguiana descreve a personalidade como um todo e a denomina de "psique". Esta palavra latina significa originalmente "espírito" ou alma, tendo, porém, passado nos tempos modernos, a significar "mente", como em psicologia, a ciência da mente. Hall e Nordby (1980) enfatizam que na teoria analítica: "a psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamento, tanto os conscientes como

os inconscientes. Funciona como uma guia que regula e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico".

Verifica-se que o conceito de psique sustentado por Jung (1972, p.25) traz como elemento primordial que uma pessoa, em primeiro lugar, é um todo. E não o resultado a união de partes, relacionadas com suas experiências e seus aprendizados. Assim sendo, "o homem não luta para se tornar um todo: ele já é um todo, ele nasce como um todo". Na sua existência é fundamental desenvolver a sua essência, buscar "o mais alto grau possível de coerência", para diferenciar-se e ter harmonia, entretanto, quando possui uma personalidade dissociada se torna deformada, destaca a importância do campo educacional trabalhar desde a primeira infância atividades artísticas na proposta curricular, pois ajudará a criança canalizar emoções, sentimentos e comportamentos.

A psique, nesse referencial, compõem-se de numerosos sistemas e níveis diversificados, porém interatuantes. Pode–se distinguir três níveis na psique. São eles: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Na descrição do processo de formação de personalidade, a consciência é a única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo. Aparece logo cedo na vida, provavelmente, antes do nascimento. Quando se observa uma criança, pode-se notar uma percepção consciente e operar como a criança reconhece e identifica os pais, os brinquedos e os demais objetos que a cercam.

Esta percepção consciente cresce diariamente por força da aplicação das quatro funções mentais que Jung (1972, p.23) denominou "pensamento, sentimento, sensação e intuição". A criança não utiliza estas quatro funções na mesma proporção, em geral, vale-se muito mais de uma função que de outras. A utilização predominante de uma dessas quatro funções é o que diferencia o caráter básico de uma criança para outra.

Além destas quatro funções mentais, existem duas atitudes que determinam a orientação da mente consciente. Essas atitudes são extroversão e a introversão. A atitude extrovertida orienta a consciência para o mundo externo, objetivo, atitude introvertida orienta a consciência para o mundo interior, subjetivo (HALL e NORDBY,1980). Dessa forma, na atitude extrovertida, a libido (energia psíquica) flui sem embaraços ao encontro do objeto. Na atitude introvertida, a libido recua diante do objeto, pois este parece ter sempre em si algo de ameaçador que afeta o indivíduo.

Tanto a introversão como a extroversão são atitudes normais e todos os seres humanos as possuem. As circunstâncias e a estrutura íntima são favoráveis ao desenvolvimento de um dos mecanismos, havendo apenas o predomínio relativo de um em relação ao outro. A base da teoria dos tipos psicológicos apoia-se na noção de preferência: preferir significa que a pessoa faz espontânea, facilmente e com maior frequência uma dada atividade ou utiliza uma determinada função em detrimento da outra.

As experiências que não obtêm a aceitação do ego ficam armazenadas no que Jung denominou "inconsciente pessoal", um receptáculo que contém as atividades psíquicas e os conteúdos que não se adaptam com "a individuação ou função do consciente". Portanto, destaca-se que "esses conteúdos têm fácil acesso à consciência quando surge tal necessidade. Uma característica muito interessante e relevante do inconsciente pessoal é a possibilidade de reunião de conteúdo para formar um aglomerado ou constelação". Eles foram denominados na teoria junguiana de "complexo", testados por Jung em associação das palavras. Denotou-se que as pessoas pensavam muito para responder, ao ser inquirida do motivo dessa demora, não era capaz de ter uma explicação (HALL E NORDBY, 1980, p. 28).

Finalmente, um outro nível da psique humana, distinguido por Jung (1972), é o que denominou de "inconsciente coletivo", comum a todos os homens e de que deriva um conjunto importante de fenômenos psíquicos, de extremo valor na interpretação

"dos mistérios da alma humana". É uma parte da psique que se pode distinguir do inconsciente pessoal pelo fato de sua experiência não depender da experiência pessoal. O inconsciente coletivo é um reservatório de imagens latentes, em geral denominadas "imagens primordiais" na Psicologia Analítica.

Primordial significa "primeiro" ou "original"; por conseguinte, uma imagem primordial diz respeito ao desenvolvimento mais primitivo da psique. O homem herda tais imagens do passado ancestral, passado que inclui todos os antecessores humanos, bem como os antecessores pré-humanos ou animais. Estas imagens étnicas não são herdadas no sentido de uma pessoa lembrar-se delas conscientemente, ou de ter visões como as dos antepassados. São antes predisposições ou potencialidades no experimentar e no responder ao mundo tal como os antepassados. Tais "imagens primordiais" são o que Jung (1972) denominou de "arquétipos", acrescentam Hall e Nordby (1980, p. 34):

existem tantos arquétipos quantas as situações típicas na vida. Uma repetição infinita gravou essas experiências em nossa constituição psíquica, não sob a forma de imagem saturada de conteúdos, mas a princípio somente como forma se conteúdo que representavam apenas o certo tipo de percepção e de ação.

Entre os muitos arquétipos por ele estudados e descritos incluem-se, por exemplo, do nascimento, do renascimento, da morte, do poder, da magia, do herói, da criança, de Deus, do demônio, do velho sábio, da mãe terra e de objetos naturais, como as árvores, o sol, a lua etc., além muitos objetos fabricados pelo homem como anéis e armas.

2.2 A ARTE COMO LINGUAGEM E EXPRESSÃO HUMANA

Arte é uma das principais expressões da capacidade humana, construiu-se um patrimônio cultural das suas produções por meio dos símbolos. Para Fernandes (2022), a arte é um produto histórico de uma cultura, uma linguagem que exprime os sentimentos de um povo e as suas relações entre si e com o ambiente, para se interpretar a sua vivência, por meio das atividades artísticas pode-se adentrar na dimensão cultural representada.

Desse modo, o homem está sempre em processo diante dos constantes intercâmbio com seu mundo. Ele está em interação com o mundo, possuindo desejos e necessidades que poderão mostrar-se e revelar-se por meio de um recurso artístico. A atividade expressiva espelha o meio e suas experiências diante o universo simbólico. Ao analisar a natureza da Arte, Jung (1987, p. 85) considera que a Psicologia se limita a estudar o processo psíquico da criação artística, sem pretender atingir a essência da Arte:

a vivência originária é carente de palavra e imagem, tal como uma visão num espelho que não reflete. A vivência originária é um pressentimento poderoso que quer expressar-se, um turbilhão que se apodera de tudo o que se lhe oferece, imprimindo-lhe uma forma visível. Mas como a expressão nunca atinge a plenitude da visão, nunca esgotando o que ela tem de inabarcável, o artista muitas vezes necessita de materiais monstruosos, ainda que para reproduzir apenas aproximadamente o que pressentiu.

O ser humano para se desenvolver integralmente precisa estar relacionado com os fatores físicos, intelectuais, sociais e emocionais. Assim sendo, para estimular esses fatores a arte traz elementos da vivência do cotidiano e o seu contato com o mundo simbólico e suas emoções. Por meio das vivências com materiais expressivos, ele, paulatinamente, tomando contato com realidade faz o trajeto oscilando entre o real e o simbólico, para descobrir suas relações com os outros e o seu autoconhecimento.

Segundo Brasil (1997), o âmbito que pertence arte é caracterizado por um tipo particular de conhecimento que o homem produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez relação ao seu lugar no mundo. A sua história nos possibilita identificar e descobrir elementos de continuidade cultural na vida da humanidade. Ela tem a função de expressar e comunicar os valores, os costumes, as crenças religiosas, os aspectos sociais, morais, políticos e econômicos, enfim, exprimir as indagações das sociedades existentes a cada período da história.

A manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico o seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante (BRASIL, 1997).

O produto de ação criadora, a inovação, é resultante do acréscimo de novos elementos estruturais ou da modificação de outros. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência a de existir por meio de manifestações diversas, ao oferecer propostas com atividades artísticas as crianças poderão revelar-se todos sentimentos e emoções por meio dessa linguagem.

Dessa forma, como linguagem, a arte auxilia a leitura de suas experiências ao lidar com o mundo externo em sua organização interna, contribuindo, por meio da expressão dos conflitos decorrentes de sua situação no universo sociocultural a que pertence para a compreender e interpretar o duplo que o ser humano representa. Assim, além de ler, por meio de um sistema simbólico escreve-se, via arte, suas experiências vividas.

Articula esse referencial Camargo (1989, p. 14), acentuando o papel da arte na educação de crianças como um elemento de integração da personalidade, pois por meio do referencial apresentado pela Psicologia Analítica traz a explicação do funcionamento da consciência como parte do dinamismo da "psique" humana, ao afirmar que: "arte é uma atividade integradora da personalidade". Quando se faz arte, a pessoa usa o seu corpo, a sua percepção, as suas emoções e a sua intuição como um processo contínuo, dessa forma, é uma atividade única, que amplia diversos aspectos e dimensões para auxiliar a construção da personalidade.

Reflete sobre essas questões Granja (1996, p. 62), quando aborda que arte é a força que o homem precisa para ser despertado desse encanto que permeia todos os seus caminhos no terceiro milênio. Atualmente, o homem deixa de ter a relação sinestésica com a realidade, isto é, "as sinestesias são experiências integradas dos sentidos e o homem atual não sabe relacionar o ver, o ouvir, o cheirar, o tocar, o provar, nem o pensar com o sentir. O primitivo relaciona a ordem social, psicológica, religiosa no corpo e no espaço".

Para reconquistar essa individualida-

de, Jung (1987), aponta que é necessário viver intensamente todas as polaridades que compõem o homem, para isso, deve-se mergulhar no desconhecido. As questões que norteiam a existência humana em busca de sua espiritualidade, tais como "Para onde vou? Quem sou?" também parecem estar no cerne do fazer artístico e sua essência, tal como um mergulhar no inconsciente coletivo.

2.3 Oficinas criativas para crianças no contexto escolar

Criatividade é uma qualidade do ser humano, embora em artes, muitas vezes, parece um universo um tanto mágico, habitado por seres escolhidos pelos deuses, seres que possuem o dom de criador. Todo indivíduo tem o germe deste potencial, alguns produzem mais para determinadas expressões (pinturas, desenhos, esculturas, músicas) do que as outras.

Segundo Aranha & Martins (1986, p.375), "a criatividade pressupõe um sujeito criador, isto é, uma pessoa inventiva que produz e dá existência a algum produto que não existia anteriormente". Assim sendo, se destaca a importância do imaginar, pois será uma forma para construir e inventar a atividade artística. Dessa maneira, o produto dessas ações, em algumas vezes não é palpável e sim uma ideia ou imagem traduzida da invenção.

Uma obra de arte verdadeiramente criativa traz algum tipo de novidade que obriga a rever o que já conhecido, dando-lhe uma nova organização. A inovação surge, geralmente, do remanejo do conhecimento existente que revela insuspeitados parentescos ou semelhança entre fatos já conhecidos que não pareciam ter nada em comum. Portanto, em matéria de arte, o criador autêntico não é somente um ser dotado, é um homem que soube ordenar, visando a determinado fim, todo um conjunto de atividades do qual resulta a obra de arte. Um observador de sua realidade externa e interna.

O início de um trabalho em arte, ou seja, a primeira fase do diálogo silencioso entre o artista e sua imagem, durante e depois que o trabalho está terminado, todo esse movimento é muito difícil traduzir em palavras. O fazer artístico é um processo resultante da manipulação de um material, um objeto ou uma ideia com metas objetivas expressivas e estéticas, desta forma capaz de conter e transmitir emoções. A forma do processo criativo em arte tem sido abordada por diferentes teóricos e as diferenças dependem da faceta do processo criativo que eles focalizam. Na figura 1 poderá se observar com as crianças em atividades de modelagem com argila, modelando imagens diferenciadas e cada qual traduzindo o seu próprio símbolo.

FIGURA 1 - CRIANÇAS BRINCANDO DE ARGILA – GRUPO AMARELINHO



FONTE: https://www.escolavillare.com.br/argilagrupo-amarelinho-profa-amanda,2020.

De acordo com Alessandrini (2003), ao oferecer as oficinas criativas no seu projeto de pesquisa trouxe a importância do resgate pessoal de cada um. Realizou seu estudo por meio da modelagem de argila. Com esse material pode observar as dimensões afetiva e cognitiva dos participantes em diversos momentos de criação e realização as atividades artísticas.

Ao articular essa experiência no campo educacional Alessandrini (1996) aponta que a Oficina Criativa é fundamental como "espaço de inserção, isto é, tem sido aceita como uma experiência educacional inovadora. Ela representa uma metodologia em que novas visões de mundo e de si mesmo emergem como [...] resultado de um intenso trabalho interior".

Destaca ainda sobre seu trabalho Alessandrini (2003, p.271), que a criança ao modelar traz suas expressões de sentimentos afetivos e cognitivos por meio dessa representação. Constata que cada uma traz formas qualitativamente diferenciadas para resolver as situações-problema que surgem ao modelar. Oferece nesse momento, dessa forma, "uma coordenação de ação interna do sujeito psicológico".

Acrescenta a autora destacada que para se desenvolver um projeto educativo necessita-se o "desenvolvimento da mente questionadora, ativa e aberta". Precisa-se conhecer o contexto social e cultural vinculados ao seu processo pessoal. Para ampliar o autoconhecimento precisa-se obter uma "consciência participativa, na comunidade e no mundo. As oficinas criativas, dessa forma, são um projeto eficiente, pois ampliam o poder de criação dos alunos e oportunizam o

seu conhecimento pessoal" (ALLESSANDRINI, 2003, p.272).

Ao valorizar a argila, material encontrada em todos as cidades, de valor acessível para ser trabalhado, e possível aquisição nas escolas. O educador, o arteterapeuta e outros profissionais ao utilizarem esse material terão "com maior consciência, compreendendo seu valor na construção interna vivida por cada um". O ato de educar amplia as dimensões humanas, portanto, " Educar-se é aprender a construir o conhecimento com curiosidade e espontaneidade, explorando possibilidades e criando soluções" (ALESSANDRINI, 2003, p.272).

Teoriza esses referenciais Reverbel (1989, p. 21), quando aborda que o processo criativo traz a essência do desenvolvimento da função e das condições de vida do homem, o contato com a natureza, começou a empregar a arte, expressa-se por desenhos e modelava a cerâmica. "Arte é uma das coisas que, como a terra, o ar, está ao redor de nós, em toda a parte, mas que raramente se detém a considerar". Por isso, o desenho, a pintura e escultura estão entre as mais importantes manifestações do ser humano. Visualiza-se e compreende melhor o passado também enxergar todos os seres humanos no seu processo de desenvolvimento.

O objetivo maior destas atividades será fazer com que todas as crianças participem ativamente. O fazer da produção artística e o processo são essenciais nas oficinas criativas, enfim, não tem preocupação com o produto. Acredita-se que outras atividades também poderão ser realizadas com: sucatas, massa de modelar, panos, linhas e outros. O fundamental que explore a criatividade e que as crianças elaborem atividades catárticas, isto é, liberem de algo que estiver reprimido.

Verifica-se que essa estratégia de oficinas criativas no contexto escolar poderá ser um instrumento favorável para o desenvolvimento da personalidade das crianças favorecendo todas as dimensões humanas. Por meio desse recurso, as atividades artísticas poderão ser um canal de tradução para elas dos seus sentimentos, das suas emoções e canalizar angústias e medos diante da sua realidade.

3 CONCLUSÕES

Destaca-se a importância da expressividade no campo educacional para o desenvolvimento pleno das crianças. Além disso, aliá-los a oficina criativa que poderá favorecer por vias de imagens simbólicas as profundas dimensões da psique. No estudo presente trouxe como o inconsciente tem mistérios que poderão se desvendados por via das atividades artísticas, aspectos fundamentais para o desenvolvimento da personalidade das crianças.

Observou-se que a arte faz parte do processo civilizatório do Homem, ao traduzi-la como linguagem representa o seu universo simbólico expressado pelas suas experiências e seus sentimentos. Portanto, a arte é fundamental para o seu desenvolvimento integral, pois utiliza-se corpo, percepção, emoção e intuição em um processo contínuo.

Verificou-se a relevância da Psicologia Analítica Junguiana para a compreensão da essencialidade do processo artístico. Essa teoria fornece subsídios para ratificar como a expressividade auxilia no desenvolvimento humano. Oferecendo também pressupostos para alicerçar uma proposta de trabalho no contexto escolar favorecendo o autoconhecimento das crianças.

As oficinas criativas deverão fazer parte das propostas pedagógicas das escolas infantis, pois é um recurso favorável para ajudar as crianças exprimirem seus sentimentos e anseios. Ao explorar a criatividade o espaço escolar terá um instrumento favorável para aprendizagem aguçando a curiosidade dos alunos para novos desafios e situações-problema.

A investigação presente pretendeu trazer novas perspectivas teóricas sobre o assunto. Para não sair do foco e a limitação de tempo, possa ter deixado alguns indícios para novas pesquisas. A temática sobre Oficinas Criativas para crianças é de relevância para atuação de educadores e arte-terapeuta, uma forma de trazer no contexto escolar novas aprendizagens para elas.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, C. D. A microgênese na Oficina Criativa. Psicopedagogia, ano 20, vol. 63, p. 270-291, 2003.

ALESSANDRINI, C. D. Oficina Criativa e Psicopedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ARANHA, M. L. de e MARTINS, M. H. P. Filosofando - Introdução à Filosofia, São Paulo: Moderna, 1986.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares

Nacionais. Arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC: SEF, 1997.

CAMARGO. L. et al. Arte-Educação da Pré-Escola à Universidade, São Paulo: Nobel, 1989.

FERNANDES, C. História da Arte, Brasil Escola. Disponível em:

https://brasilescola.uol.com.br/historiag/historia-da-arte.htm. Acesso em 01 ago. 2002.